ANO 2.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 1923 N.º 557

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

FOI autorizado superiormente o sr. ministro do Comercio a ir buscar ao estrangeiro, sob contracto, para o corpo docente e tecnico da Escola Industrial Infante D. Henrique, do Porto, os seguintes representantes de povos: um inglês para director geral da Escola e professor de engenharia mecanica, um alemão para mestre de impressão, um italiano para mestre de tipografos, um belga para professor teorico de artes graficas, um austriaco para mestre de encadernadores.

Salvo o devido respeito pela portaria, mas sem respeito algum pela ideia que a originou, quere-nos parecer que em Portugal, tanto no Porto como em Lisboa, se encontram ainda artistas graficos, tecnicos e teoricos, capazes de ensinar num curso industrial, ainda que sem pretensões de revolucionar os processos tecnicos e de internacionalizar a industria do livro e do jornal. Mestres pode-os fornecer, muito bem, a Imprensa Nacional de Lisboa e até a industria particular. A menos que o Ministerio do Comercio pague tão mal que nenhum artista queira ir ao concurso—que por sinal já foi aberto em tempos. Mas se o Estado não tem verba para pagar em escudos—onde vai buscar economias para pagar em ouro, e por contracto?

Esta ideia de instituir uma Sociedade das Nações no Instituto Infante D. Henrique, pode ser muito lisongeira para a prestimosa escola, mas é um pouco afrontosa dos creditos dos nossos artistas e briga um pedaço com o bom senso.

* * *

COMEÇA a discutir-se, com certo calor, a escolha dos candidatos á presidencia da Republica.

Sem desejarmos romper o misterio que, por emquanto, envolve o assunto, diremos que se já se fizeram *démarches* para a constituição duma plataforma que agrupe, em roda de determinado nome, o maior numero de votos, saindo eleito logo no primeiro escrutinio.

Afigura-se-nos, porêm, que as coisas não correrão com a facilidade com que se conta...

* * *

O SR. ministro da Justiça está no firme proposito de levar ao parlamento uma proposta de lei sobre liberdade de imprensa. Não sabemos os seus termos.

Ouviu o sr. dr. Abranches Ferrão alguns dos nossos mais distintos jornalistas, visto tratar-se dum assunto que os interessa directamente e revestir aspectos, alguns de caracter tecnico, que só eles conhecem bem?

* * *

A QUESTÃO do ensino religioso nos colegios ainda não é uma questão morta, mas sim uma questão adiada. O facto de ela preocupar tantos espiritos — e dos mais notaveis da nossa terra — prova que ela corresponde a qualquer coisa de vital. Em torno dela, afirmaram-se duas maneiras de conceber a liberdade. Qual virá a prevalecer?

* * *

O sr. dr. Julio Dantas, presidente da Academia das Sciencias convidou o sr. dr. Teofilo Braga, um dos mais antigos academicos, para assistir ao «Sarau dos Poetas». O autor da *Visão dos Tempos* não poude aceitar o convite, apesar do sr. dr. Julio Dantas lhe oferecer carruagem para o conduzir. O seu estado de saude é algo precario.

Poesia e Academia

Não tive o prazer de me contar entre os ouvintes dos poetas ilustres que no serão da Academia recitaram os seus poemas. E se a todos eles admiro, com a amizade de alguns me honro.

Mas a mim, como ao publico português, e em breve ao brasileiro, chegaram pelos jornais as notas dessa noite consagrada ás musas, sob a presidencia do Chefe do Estado.

É, pois, como parte do publico, e como o mais obscuro dos poetas de Portugal, que declaro ter lido com assombro a especie de glorificação promovida pelo sr. presidente da Academia ás tradições da poesia academica nacional, tradições que s. ex.ª se propõe reanimar, para o que não hesitou em coroar de louros os Generosos e os Singulares.

São-me naturalmente indiferentes, merecendo todo o meu respeito, as opiniões academicas, as quais não costumam perturbar a obscuridade do isolamento em que me compraso, entre o meu orgulho e a minha humildade interior. Mas o sr. presidente da Academia celebrou, na realidade, no seu discurso, a morte da Poesia Portuguesa—a morte do nosso Lirismo, que sendo a riquesa mais pura da alma nacional, significa nas diversas modalidades o verdadeiro *ethos* de um povo que já no seculo XII entoava a maravilhosa canção dos seus versos, e na linguagem de hoje.

O sr. presidente da Academia referiu-se a D. Francisco Manuel de Melo para o englobar na chusma arida dos poetas academicos de seiscentos—e calar a revolta diante de tudo isto, seria cobardia. D. Francisco Manuel ficou imortal para nós na graça e na força dos seus melhores livros, precisamente porque logrou ser o admiravel anti-academico do seu tempo, já pelo que na sua obra palpita da saborosa riqueza do folk-lore, já porque foi entroncar em Gil Vicente — o grande primitivo que as academias desprezaram. Durante dois seculos a Poesia Portuguesa arrastou-se no lixo das rimas academicas, e se não morreu foi porque o povo cantava. Foi grotesca, ela, a mais linda; foi seca e falsa, ela, a mais doce e palpitante. E acabou por ser um entulho de odes e sonetos, ela que era um ai, um beijo e um raio de estrelal Para que a Poesia Portuguesa renascesse foi preciso que o academismo expirasse—e então ouviu-se Garrett, e, depois, João de Deus... Ah! não, não remexamos em ossadas desfeitas de mortos que nunca viveram, a fim de nos enfeitarmos com perucas de fantasmas.

Se alguma coisa deve renascer entre nós, não é a *Fenix*, nem o *Fluxo breve, desengano perene, que o Pegaso da morte abriu no monte da contemplação...* Entre o descalabro e a mentira, escutemos antes essas outras vozes vivas e puras que em Portugal guardam ainda o tesouro sagrado da tradição poetica nacional — e cantam ou bailam as canções!

Affonso Lopes Vieira

UM BRINDE

—Vá lá mais meio litro ás nossas «inclinações»...

UM telegrama de Londres comunica-nos que o comissario de policia William Horwood avisou os livreiros de que deviam retirar da circulação o livro de Victor Marguerite, *La Garçonne*, por ser imoral.

Embora nós saibamos que estas medidas não impedirão a sua venda, que deu já uma fortuna ao seu autor, apraz-nos, contudo, registar que, em Londres ainda há quem não esteja resolvido a transigir com a torpeza que tal obra representa.

Quando um escritor rebaixa a sua pena, á ponto de fazer dela um instrumento mercantil do escandalo, é necessario aponta-lo á pública desconsideração, de maneira que os seus leitores sejam somente escolhidos, na vara de porcos de Epicuro.

* * *

MARIANO Gracias que recentemente publicou *O Crepusculo da Saudade* é um poeta que se conservou fiel ao seu sentimento, traduzindo-o sempre em versos simples, dum ritmo gracil e facil.

Emquanto outros, á medida que os anos passam, parecem complicar a sua sensibilidade, embrenhando-se em casos e problemas de arrevesada expressão lirica, Mariano Gracias, rico de ternura e de inspiração, limita-se a ouvir o seu coração e a revela-lo na verdade das suas pulsações amorosas.

* * *

DUAS gentilissimas senhoras da nossa primeira sociedade entregaram ha dois dias ao sr. Branco Rodrigues, benemerito criador e director do *Instituto dos Cegos*, um donativo de 28 contos, pedindo-lhe reserva absoluta sobre o seu nome e o da pessoa que tão generosamente salvava da ruina uma casa de educação, digna de todos os auxilios e estimulos.

Excusamos de frisar que esta maneira de proceder tem qualquer coisa de tão belo que por si só constitue um confortante exemplo, no meio do duro egoismo em que vivemos.

* * *

DIGNOU-SE vir apresentar-nos os seus cumprimentos o ilustre poeta Eugenio de Castro que retira ámanhã para Coimbra.

Penhorou-nos muito esta gentilesa, tanto mais que o *Diario de Lisboa* não tem tido para com o autor do *Anel de Polierates* outras atenções senão as que são devidas a um escritor que tanto honra o seu país.

* * *

SEGUNDO os calculos do sr. Ginestal Machado, a reparação das nossas estradas exige cerca de 200.000 contos. Como não se descobre meio facil de reunir tal quantia, o sistema de transportes em Portugal vai converter-se brevemente em variantes curiosas da *Viagem á roda do meu quarto*.

* * *

A Livraria Lelo & Irmão, de Porto, reuniu num volume, graciosamente cartonado, duas comedias de Moliére—*O Burguez Fidalgo* e *Sganarelo ou o Medico á Força*, tradução revista por Guedes de Oliveira.

* * *

INTITULA-SE *A Traição* a emocionante novela de Aquilino Ribeiro, editada pela Editorial Ltd., como segundo numero da serie *Leitura de Hoje*.

Pelo "sport"

PUNTO DAS REDES

Os desafios de ontem

Os encontros de primeira categoria da primeira divisão, ontem efectuados, foram realmente dois «matches» interessantes.

No primeiro defrontaram-se o Sporting e o Imperio. E viu-se esta coisa extraordinaria: um grupo muito superior ao adversario, em composição, em conjunto e em tecnica, a ponto de sofrer um desaire por parte dum «onze» composto por novos com muita alma e muita impetuosidade.

O grupo do Campo Grande, jogou bem enquanto não obteve o primeiro ponto. Uma vez conseguido este, passou a jogar com uma apatia indesculpavel.

No segundo «half-time», o Imperio conseguiu o empate — 1 a 1 — por um «frekick» junto dos 18 metros.

Só então os «verde-brancos» acordaram, efectuando sobre os adversarios uma pressão de que resultou a breve trecho, á falta dum «goal», um «corner» a seu favor. Nessa altura até os «backs leoninos» foram para junto da grande area do Imperio... Daquele «canto» tinha que resultar fatalmente um «goal». E resultou. Foi um ponto no estilo do segundo que os espanhois nos marcaram em 17 de dezembro.

No segundo encontro — o sensacional — encontraram-se o Bemfica e o Belenenses. Foi um desafio movimentadissimo, jogado a toda a velocidade, com avançadas perigosas de um e outro lado. Terminou com a vitoria dos «azuis» por 4 a 1. Mas temos que confessar que não esperavamos um tão grande desaire para o glorioso «Sport Lisboa». E a derrota dos «vermelhos» filiou-se, indubitavelmente, na fraquesa da sua parelha de «backs».

No segundo tempo o Bemfica desanimou muito e só dois dos seus homens se mantiveram: Vieira e Vitor Gonçalves. Este ultimo jogou colossalmente, a um tempo defendendo e distribuindo, com uma calma e uma precisão verdadeiramente notaveis.

O «onze» dos Belenenses jogou bem, talvez com um excesso de dureza dispensavel. Do mesmo modo que no Bemfica, o grande homem dos «azuis» foi o seu «half-centro», que é sem duvida das mais prometedoras revelações da epoca. Na linha de avançados notabilizou-se Francisco Pereira, que jogou com muita alma e um pouco de ferocidade.

Um dos pontos obtidos pelo grupo de Belem proveiu de «penalty», a que Vieira se lançou bem, embora o não conseguisse evitar.

As arbitragens, se algum defeito tiveram, foi o de serem, ambas, um pouco desleixadas.

C. S.

A Espanha vence a França

Como haviamos previsto no ultimo numero, a França sofreu da Espanha uma derrota muito mais desairosa do que a que nós sofremos em dezembro ultimo.

O resultado foi de três a zero a favor do país visinho; de pouco tendo servido, ao que parece, a inclusão de Charigués no «onze» francês.

BELMONTE

JUAN BELMONTE

assignante da «Contemporanea», grande revista mensal

Está quasi esgotado o numero especial do Natal que é colossal, como é natural.

LIVROS NOVOS

"Prosas e Versos"

de Belchior da Nobrega

por Henrique Trindade Coelho

Conheci o Henrique em Coimbra, ele no segundo, eu no primeiro ano de Direito. Recordo, como se fosse de ontem,—e olhem que sobre ela rolaram já dois regimes, não sei quantas revoluções, desilusões ás revoadas—a nossa apresentação, no *Chateau Rose*, á rua do Correio.

O *Chateau Rose* era uma especie de 202 coimbrão, em que o Henrique, á imagem e semelhança de Jacinto, pontificava de perfeito principe.

Na mansão aristocratica da rua do Correio havia *ursos* das proporções avantajadas de Luiz Gonçalves e de Fernando Emidio da Silva—este, enamorado e praticante das Belas Letras, alternando as obrigações do Direito com as devoções da Literatura; havia poetas e prosadores que pelo verso e prosa esqueciam Mestres e aulas—Armando Cordeiro Ramos e Carlos Pires de Lima; havia caçadores, e contemplativos, e musicos—o Alvaro Teixeira, o Falcarreira, com o seu guidoso trem de caça; o Alvaro Rego, com a sua nostalgia dum mundo irrevelado; o Arnaut, com a sua lição sempre afinada para a batuta do Civil ou do Administrativo. Mas, entre todos, nesta familia de bem nascidos, o que impressionava a fundo a minha sensibilidade de serrano era Jacinto, era o Henrique Trindade Coelho—contraditorio e impertinente, assoalhando o democratismo rubro dum *sans-culotte* e sentando-se á mesa, para o jantar diario dos camaradas, dentro da sobrecasaca espartilhada de *lord* Brummell, assestando o monoculo com desdem, rolando a voz com enfase.

Irradiei-o, primeiro, da minha simpatia. E dentro em pouco firmava-me na convicção — solfejada em todos os tons, marcada em toda a parte — de que o Henrique não era senão um producto dessorado da cidade, um dos muitos bipedes que querendo e não podendo, mascaram a fraqueza de nascença com a exterioridade contundente. Assim, no *Fruto Prohibido*, a segunda das minhas novelas regionalistas, aquela em que procurei fixar a vida coimbrã do meu tempo, dando-lhe a enternecida moldura da paisagem e dos costumes locais, eu fiz de Trindade Coelho, num dos personagens de plano secundario, a caricatura sincera do homem entrevisto atravez do mais convicto pessimismo e da mais honesta irritação. Um facto, no entanto, e de subito, surge a alarmar a minha irritação, a prevenir o meu pessimismo. Emquanto outros contemporaneos, que eu não procurára magoar, cortaram comigo por não lhes ser agradavel o papel distribuido nas paginas inofensivas do meu livro, o Trindade Coelho, que não se tinha zangado com a minha sinceridade — á despedida de Coimbra oferecia-me o seu retrato, dizia-me o seu adeus de camarada na mais tranquila dedicatoria.

Aquilo desconcertou-me. Desconfiei da minha visão — pois é alguem todo aquele que sobrepõe aos impulsos da vaidade ferida a serena consciencia das injustiças involuntarias. Puz-me de vigia aos meus juizos — pois nada me doe como a injuria de um erro desfavoravel contra conhecidos ou desconhecidos, contra amigos ou inimigos.

Eu não teria visto mal, sacudido pelas minhas susceptibilidades serranas, o *blagueur* da rua do Correio, o aristocrata que desancava o João Franco realista e palissava de duvidas as virtudes do Altar? Eu não teria avaliado á superficie, num assomo de impressionismo repentista, o moço irreverente e o democrata aparatoso — olhando apenas o habito, não atentando sequer no monge?

Distanciamo-nos muito. Ele veiu para a vida, em Lisboa. Eu vim para Lisboa, para a vida, como ele.

Mas deixamos de nos ver, por largos periodos, perdidos um do outro nesta selva aspera do tumulto e das exigencias da cidade.

Aqui ha anos, porem — foi ha três, ha quatro anos o maximo — encontro-o num jornal, no artigo de um dos grandes diarios do meu país.

Começo a lê-lo alheio a qualquer interesse de maior. Lidas as primeiras linhas surpreendo-me a sondá-lo com ansiedade. E chego ao fim do artigo louvando-o com entusiasmo.

—Ah, enganei-me! Eu enganei-me!—brado, desde logo, no melhor dos meus contentamentos.

A'quele artigo sucedem-se novos artigos, no mesmo jornal, noutro e noutros jornais. Apagado no comodo anonimato da sua cela da Boa-Hora, reaparecia-nos assim, inesperadamente, ainda de sobrecasaca, como no *Chateau-Rose*, ainda de monoculo, como em Coimbra, mas agora envergando a sobrecasaca sem ostentação, antes na simplicidade de uma toga de sacerdocio, mas nesta altura assestando o monoculo sem pretenciosismo, pelo contrario, na necessidade de vêr com lucidês a alcateia dos apetites a alvejar e a abater. E o Henrique, dispensando favores de gregos, não lisongeando vaidades de troianos, marca fulminantemente um posto alto, de inconfundivel relêvo, no jornalismo contemporaneo — pelo vigor personalisado da sua prosa, pelo desassombro varonil da sua voz, pela saude impressionante da sua doutrina.

O *blagueur* da rua Larga cede a vez ao psicologo da hora incerta. O revolucionario do teatro academico dá a alternativa ao conservador da crise iminente. E sem abdicar do passado, sem negar as responsabilidades de ontem no pavor das contingencias de ámanhã, o psicologo, o conservador, o doutrinario de prosa mascula e voz clara faz-se ouvir dos que vão á mesa da sua comunhão, e dos que, do lado oposto, alimentam o credo á mesa de uma comunhão diversa.

Mas esta rasgada afirmação de talento não lhe basta. O filho do contista supremo dos *Meus Amores*, quer mais ainda, pretende honrar de vez, literariamente, a tradição gloriosa do nome de seu Pai.

Pelo que, isto é recente, é de ha duas duzias de dias, apresenta as suas novas credenciais de poeta e prosador no volume magnifico das *Prosas e Versos* de *Belchior da Nobrega*—volume que contem, latejantes e vividas, luminosas e sonoras, num equilibrio admiravel e numa elegancia irrepreensivel, algumas das melhores paginas da minha geração.

E não pude mais. E decidi sem demora, e resolvi sem hesitações, publicar o meu contentamento, como publicára o meu erro.

E' com a maior das satisfações, satisfeição feita de todos os impulsos da alegria, de todos os estimulos dum espirito amigo do bem alheio, que venho á barra, que me apresento em publico a apertar a mão forte e agil que tão nobremente tem cuidado o brilho da pena herdada de seu Pai.

Meu caro Henrique:—Aqui tem o meu aperto de mão. E' sincero hoje, a aplaudir, como ontem a desdenhar. Só não se enganam os imbecis, os obestinados e os mal intencionados—três aspectos duma só inferioridade. E o meu engano de ontem, deve dar-lhe hoje a certeza do triunfo certo, certo e amplo, quando o talento recebe as tabuas da lei entre as sarças do Sinai—mesmo através duma sobrecasaca irritante, apesar mesmo dum monoculo de rebuscada insolencia.

Souse Costa.

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos

curam-se com fermento d'uvas *Formosinho*

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

PEÇA-OS EM TODA A PARTE

Linfatismo-Doenças de pele-Banhos cloretados

ESTORIL-TERMAS

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa das Galveas (D. Maria Guiomar), D. Maria José Portugal de Queiroz de Bragança, D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Fernanda Quintela de Mendonça Castilho, D. Gabriela Ramalho Pinto da Fonseca e D. Maria Gabriela de Sousa Coutinho (Linhares).

E os srs:

D. Pedro Maria do Carmo de Noronha, Miguel de Ataide Malafaia Palma de Vilhena, Eduardo Caldeira Soares Mendes, Pedro Varennes Monteiro de Mendonça e Manuel Barbosa de Matos Chaves.

—Fez anos ontem o sr. Eduardo Gomes de Albuquerque e Castro.

Casamentos

Devido á falta de espaço e já depois de composto somos obrigados a retirar á ultima hora a nota de assistencia ao casamento da senhora D. Maria Luisa Beires do Vale Nunes da Silva, com o nosso presado colega, secretario da redacção do «Dia», sr. dr. João Moreira de Almeida, o que ámanhã faremos.

Festa de homenagem

De dia para dia maior é o entusiasmo que está despertando no nosso meio elegante a festa de homenagem que a empresa do teatro de S. Luis, dedica aos seus cronistas mundanos e nossos colegas de redacção srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques e a qual se efectua na noite de 16 do proximo mês de Fevereiro.

Todos os dias são inumeros os pedidos de bilhetes, por isso estamos certos que nessa noite o teatro de S. Luis, será o ponto de reunião de tudo que de melhor conta a nossa aristocracia.

Dentro de alguns dias começaremos a publicação de nota das pessoas que já têm bilhetes.

Concertos elegantes

No S. Luis

Assistencia elegante ao concerto de ontem:

Viscondessa de Alvelos, D. Sára da Mota Vieira Marques, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Matilde Pereira Caldas de Vasconcelos e filhas, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho e filha, D. Berta de Ortigão Ramos, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Teresa da Camara de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Antonia Tedeschi Placido e filha, D. Luisa da Camara, D. Deolinda Rosa da Fonseca, D. Georgina de Mendonça e sobrinha, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Maria Empis Felix da Costa, D. Ana Cabral da Silva e filhas, D. Maria Heloisa de Oliveira Moreira de Almeida de Magalhães Colaço, D. Arminda Machado Rangel dos Santos, D. Luiza Malheiros de Seixas e filha, D. Maria Guedes de Andrade e filhas, D. Ernestina Soares de Albergaria Clavo, D. Julia Serodio, D. Albertina Gomes Neto Afonso, D. Maria Margarida Derouet, D. Maria Caldeira Coelho e filha, D. Aida de Moura, D. Alice Moura Viana, D. Lalia da Costa Neves, D. Maria da Gloria Brettas Cardoso Tavares de Melo e filhas, D. Maria Luiza e D. Maria de Castro (Nova Goa), D. Carolina Sequeira, D. Hebe Neto e Pereira Sequeira de Ferreira Ribeiro, D. Regina de Freitas Waddington, madame Mauricio Costa, D. Beatriz Telo de Magalhães Colaço, D. Maria Cristina Teixeira de Azevedo, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Marta Aires de Magalhães, D. Maria da Natividade e D. Maria da Conceição Ahrens de Nevais, D. Berta Macieira Reis, D. Maria Adelaide de Menezes Fernandes Costa, D. Maria de Aguiar, D. Carolina Joice, D. Virginia Luiza Cardoso, etc., etc.

Pontos de reunião

Em S. Carlos

Assistencia elegante á 11.ª recita de assinatura ordinaria, com a opera russa «Boris Godunoff»:

D. Vera de Bettencourt Olavo, D. Palmira de Araujo Padua, condessas de Alferrarede, de Seisal, de Louzã e filha e de Carnide; D. Izabel O'Neill, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Alice Ferreira Pinto, D. Eponina Mackee, D. Carlota de Vasconcelos Thompson, D. Maria Tereza Pressler Pinheiro Chagas e filha; D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Mercedes Pessanha Marinho da Cruz, D. Maria Luiza Schwalbach Ribeiro da Silva, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Judite de Sousa e Faro de Lancastre, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, madame Coelho, D. Filipa de Sá Paes do Amaral Coelho, D. Maria Augusta de Carvalho Morais, D. Olga Ferreira Pinto Basto de Lancastre, D. Rosa de Barroso de Moraes, D. Laura de Freitas Branco Sassetti e filha; D. Maria de Jesus Gil de Borja de Macedo e Menezes Baltasar, D. Maria Tereza Iglesias Scarnichia, D. Maria da Gloria Judice de Magalhães de Barros, D. Carlota de Antas Carvalho Megre, D. Maria José de Aboim Quental, D. Maria Luisa Ribeiro da Silva Infante da Camara, D. Marta Aires de Magalhães, D. Antonia Taberde Corte Bandeira de Melo, D. Maria Amelia Queriol Pereira Coutinho, D. Maria Amalia de Lazarneta Simões, D. Luiza de Sá Paes de Amaral (Anadia), D. Maria José da Silva Carvalho Santos, D. Maria Cancela Infante de La Cerda, D. Emilia de Brederode Smith, D. Maria das Dores de Albuquerque Lobato, D. Izabel de Aguilar Castro Sola, D. Palmira Moutela, D. Laure Sauvinet Bandeira, D. Maria Alice de Sauvinet Bandeira Bastos, D. Carmen Correia Leite Belmar da Costa, D. Lidia, D. Beatriz e D. Maria Cardoso de Oliveira.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará ámanhã «rendez-vous», de tarde, nas «matinées» do Chiado Terrasse e do Cinema Condes, e á noite, em S. Carlos, 6.ª recita de assinatura extraordinaria, com a «Walkyria», e no S. Luis, festa artistica de Aldina de Sousa, com a «Mascote».

Perfumaria Rosa d'Ouro

279, R. DO OURO, 281

PERFUMES DOS MELHORES FABRICANTES ESTRANGEIROS

ARTISTICOS OBJECTOS PARA BRINDES

GABINETE DE MANUCURE PARA SENHORAS

Tratamento esmerado das mãos das 11 horas da manhã ás 6 horas da tarde

Inscripção pelo telefone N. 2673

LITERATURA

A TRAIÇÃO AS FONTES

NOVELA POR ONDE BUSCAM

AQUILINO RIBEIRO OS NOSSOS AUTORES

Publicou agora Aquilino Ribeiro uma novela curta, A Traição, *da qual o tema e figurantes são castelhanos. Interrogado pelo* Diario de Lisboa *sobre a excentricidade da sua composição, êle proprio nos forneceu o texto em que se inspirou. Para quem queira estudar a fantasia ou decalque deste trabalho, aqui damos em tradução, o mais rigorosa possivel, o texto original.*

Na vila de Tordehumos (seculo XVII) havia um homem que devia a um mercador seu patricio, certa quantia de dinheiro, pela qual divida vivia retraido na *Iglesia Mayor*; e o mercador sempre o perseguia e buscava maneira de o prender.

Sucedeu que na mesma vila, uns sujeitos determinassem representar um *Auto*, para regosijo do Santissimo Sacramento no dia da sua fésta; e como o homem refugiado na Igreja fôsse muito habil para representar, rogaram-lhe quizesse desempenhar o papel de Christo (porque era a scena de Jesus com os Apostolos.) O homem escusa-se alegando que não podia sair a publico, por môr do negociante, a quem devia dinheiro e o prenderia. Replicaram-lhe que dêle não seria conhecido por estar disfarçado e, alem disso, que armariam o palanque, em que se haveria de representar, junto da Igreja. E porque ao homem se afigurou bom este meio, ali deu a palavra de fazer o papel de Christo como os outros lhe rogavam.

Não faltou quem destas coisas secretamente avisasse o mercador, desembolsado do dinheiro. E, logo este, profundadas as circunstancias do caso, se foi ter com um aguazil e lhe contou como um daqueles que havia de representar no auto era seu devedor. E, prometendo-lhe que se o prendesse lhe daria o que fôsse rasoavel, discutindo o preço, concertaram a entrega do falso Christo por sete ducados.

O aguazil, para pôr em pratica o seu intento e ganhar o dinheiro, se foi a falar com um dos representantes que era muito seu amigo e havia de incarnar a figura de Judas e lhe rogou se colocasse de maneira que, ao tempo em que estivessem representando, lhe ficasse a geito dar um safanão em Cristo, para que, fóra do andaime, o podessem prender. Aceite o pacto, uma vez no seu posto, o novo Iscariote executou o plano de feição a que o Christo rolou em terra, fora do palanque, com uma cotovelada. E mal caiu, logo o algemaram de concerto com o aguazil que ali estava. Notando o representante, que fazia de Christo, a traição que Judas obrara, pois ao ir dar-lhe o osculo o derribara e entregara ás mãos da justiça, volveu os olhos para o que desempenhava o papel de S. Pedro, proferindo:

—E vós, Pedro, que dizeis?

E mal tinha soltado estas palavras, que Pedro puxou do terçado e deu no aguazil tão grande catanada, que lhe abriu a cabeça. Acudiram outros aguazis que ali se achavam e prenderam a todos os figurantes e ao mercador, e os meteram na cadeia.

Depois, tomadas as informações e ordenado o processo com o parecer dum bom letrado, se pronunciou a sentença do teor seguinte:

«Primeiramente mandamos que a Judas, pela traição e maldade, lhe sejam dados duzentos açoites; ao S. Pedro declaramos e damos por bom e fiel apostolo; ao Cristo por livre e que não pague a divida; ao mercador que perca a divida e ao aguazil que se cure á sua custa da dita ferida».

Desta sentença apelaram as partes para Valladolid; mas não sómente a confirmaram, como louvaram a prudentia do juiz que á havia emitido, pois decerto fôra sugestão divina».

(Toma CXVII de papeis varios, in-folio da Biblioteca Columbina, Madrid.)

Da novela A Traição, *transcrevemos com a devida vénia o trecho seguinte:*

«Em Tordehumos, vila de Castela-a-Velha, ouve em tempos um homem, Pablo Gutierrez, pedreiro de profissão, tão solerte na arte de alegrar o proximo que, em dez leguas em redondo, não obstante os seus 40 anos, o conheciam por *El Pilluelo*. Era Gutierrez mestre na guitarra, na dança e na trova, estando ainda para nascer quem lhe levasse a melhor, pois era já por linha bailão e cantador do ventre de bailarina. O cura plantava-o á mão direita, sempre que se entoava um *Tantum Ergo* pomposo na Iglesia Mayor ou que era preciso abrandar a colera do Senhor, mediante votos ou procissões.

Como fosse grande a sua fama, *El Pilluelo* era rogado para festas, bodas e entrudadas que houvesse nas redondezas. Desforrava-se, então, dos dias frugais de Tordehumos, bebendo, e comendo como um cristão velho, em jantar de confraria. As mulheres, que todas ele cativava, vinham, no meio de um fandango, meter-lhe na boca biscoito ou fatia de bolo pôdre, que ele ficava mascando, triturando, lentamente, á dependura, emquanto os dedos, na guitarra, brincavam como novilhos, bem mamados.

Lambisqueiro e amimalhado, Pablo foi-se afidalgando e largando a profissão de alvenel que roi as unhas e derreia a espinha. E, raramente, pegava nos camartelos, que não fosse em maré de pressa, para endireitar uma pedra em casa de viuva, mulher que trouxesse o marido pelo mundo, pessoa muito grada, ou ao serviço do sr. cura. Porque, birbantão e tunante, *El Pilluelo* era cristão de *verdade*. Não havia burguez em Tordehumo ou homem de lei que realçasse tanto a vara do palio e num oficio solene tivesse compostura mais devota e recolhida. Assim, a bem com Deus e com os homens, Pablo era um regalão, se os temporais de inverno em Castela, assaltando as aldeias como lobos, não varressem da vida dos homens o prazer de gosar e dançar. *El Pilluelo* acolhia-se, então, á taberna de Alonso Peralta onde, entre o chincalhão, a canada e a linguiça, moía horas, estupidas como touradas sem touros de morte. A's vezes um viajeiro abria o bornal e sociavam; e *El Pilluelo* comia daquele pão branco e olhudo que não é quartado e compacto como rebolo de amolar. Sempre liberal, Pablo pagava o vinho e, se as cabeças aqueciam, mandava um paquete buscar a guitarra e era um ceu aberto na taberna de Alonso Peralta.

Ora sucedeu que, nesta vila de mandria e de papo quente, o rol na loja do Peralta foi crescendo até subir a soma com que libertar um rabino das unhas de Santa Hermandade. *El Pilluelo*, no entanto, não olhava a *mandar vir*, nem parecia ter bem a noção dos traços cambaios que na lousa, suspensa de uma trave, testemunhavam os copos que bebia. Uma noite, o Peralta, coçando a nuca porque não queria escorraçar o melhor chamariz da freguezia, mostrou-lhe, num apelo vagaroso de algarismos, que a divida orçava por vinte e cinco ducados. *El Pilluelo* não manifestou espanto nem discutiu as cifras encavaladas do Peralta; por *su madre*, jurou que, estando o Natal á porta, muito safada era a sua banza se lhe não grangeasse com que abater, aldemenos, metade da nota de Alonso Peralta. O taberneiro, para quem a fama de Pablo Gutierrez não ficava a dever á do *alcalde mayor* de Valladolid, resignou-se a esperar; mas passou o Natal, chegaram os Reis, e *El Pilluelo* sem mostrar a sombra de um ducado. De novo houve capitulo entre vendeiro e menestral. Acicatado, *El Pilluelo* ofereceu-e para, á conta do que devia, murar de boa pedra a horta do Peralta. Este, que via as mãos do pedreiro, mais alvas que mãos de dona, recusou:

—Pagas antes da Senhora da Atocha, ou dou parte á justiça. Não tens dinheiro, pede-o a Deus, ao cura, ou ao Diabo.

E, discretamente, com falas de hipocrita solicitude, lhe foi encurtando o credito.

El Pilluelo, roendo uma côdea, aparecia a tiritar, enrolado na manta:

—Um quartilho, tio.

—Eu meço-te — declarava melifluamente o taberneiro, gingando com a cabeça — mas vê lá, Pablo, não seja a conta pesada...

El Pilluelo jurava, pela Virgem Santissima e seu honrado filho, que nunca na porca da vida ficara a dever uma pêrra a um judeu.

O outro tornava:

—Eu sei, eu sei, Pablo, que tu és sério, mas o que eu não quero é que o meu rol seja para ti uma corda de enforcar. Estimo que bebam na minha loja, se estimo; mas não quero meter ninguem em precipicios.

E, com a mão no jarro, Alonso Peralta esquecia-se de lhe servir a bebida pela qual as suas veias batiam mais forte que sinos a incendio. *El Pilluelo*, de nariz enfronhado na manta, ia fazer uma ronda pela residencia do cura ou de uma das suas favelcas mais lautas, mas nem sempre o faro o levava em bom sentido.

No dia da Senhora da Atocha, noite, já os chocalhos dos carneiros baliam nos estabulos da boa vila de Tordehumos, Peralta mandou um dos seus catraios saber se o tio Pablo estava em casa. O tio Pablo ficára na romagem, bebedo como uma cabra — respondera uma visinha.

No dia seguinte, Peralta, como não tivesse rumor de *El Pilluelo*, concertou-se com proximos e parentes. Não tendo Pablo eira nem beira, e sendo a vingança não só o prazer dos deuzes mas dos taberneiros, um beleguim foi expedido a horas mortas colher *El Pilluelo* na pousada. *El Pilluelo*, ou porque aventasse a traça ou porque alguem lhe désse senha, esgueirou-se a tempo. O *aguazil*, indo-lhe na cola, viu-o entrar para a Iglesia-Mayor, que a essa data era ainda o inviolavel velhacoito, de todos os delinquentes da terra. E o oficial da justiça quedou inutilmente horas na galilé, como um podengo cabeçudo á entrada da lura por onde se lhe sumiu o rapazo».

APOLO Telef. N. 4129
HOJE — O "record" das revistas
LUA NOVA
ampliada com sensacionais atrecções e que ainda ontem, uma vez mais,
EXGOTOU A LOTAÇÃO

TEATRO SALÃO FOZ
: ULTIMAS REPRESENTAÇÕES :
da engraçadissima comedia em 3 actos
O NOIVADO DO SEPULCRO
Primoroso desempenho de
NASCIMENTO FERNANDES, MARIA CLEMENTINA, ELVIRA COSTA, etc.
A'S 21.30

POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA
Telef. 3028 N. HOJE — ÁS 21,30
C.ª REY COLAÇO - ROBLES MONTEIRO
PORQUE SIM
— E —
ROSAS DE TODO O ANO
com AMELIA BASTOS e PALM. BASTOS
ORQUESTRA SINFONICA DE LISBOA
Regencia de FERNANDES FÃO
Domingo, 4 de fevereiro — Concerto extraordinario — Grande festival russo

NACIONAL Telef. N. 3049 ás 21 horas
HOJE — Esplendoroso espectaculo — HOJE
Ultimas representações MISTER WU
O HOMEM QUE PASSA
A'manhã — RECITA UNICA — A'manhã
O leque de Lady Margarida
Reaparição da actriz Maria Pia no soberbo papel de MISS ERLINUE
Dia 31 — Matinée ás 15 horas — Concerto do eminente pianista TOMÁS TERAN
Dia 3 — 1.ª representação, neste teatro, da comedia de André Brun «A Vizinha do Lado»
Domingo, 4 1.º espectaculo de Carnaval
1.º BAILE DE MASCARAS

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE — Recita dos Bombeiros Voluntarios Lisbonenses
MILAGRE DA ALDEIA
versos, monologos e canções
A'manhã — Festa artistica da actriz cantora ALDINA DE SOUSA — Reaparição da celebre opereta
A MASCOTE

Economia e higiene no calçado obtêm-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

"VASPAEL"
GRANDE LICOR DE SOBREMEZA
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

TEATRO DE S. CARLOS
A'manhã — Terça-feira, ás 20 e meia horas
6.ª recita extraordinaria
Primeira representação da Jornada em 3 actos de Wagner
WALKIRIA
sob a direcção do dr. Ludwig Kaiser, pelos notaveis interpretes wagnerianos Kirchoff, Carlota Dahmen, Elena Hirn, Strasser, Hermann Weil e Constantin Kaidanoff
Encenação de Eugenio Salaich
Scenarios adquiridos expressamente

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Vida eterna

O jornal diz: Suicidou-se uma velhinha de 103 anos! Suicidou-se «por estar cansada de viver», supoz o jornalista.

O jornalista equivocou-se. Ela suicidou-se exactamente por não poder viver mais, e por ser insofrida a sua anstedade de continuar a viver.

Viver! Mas era lá possivel ela viver mais depois de ter vivido tudo?

Tinha sido menina, tinha sido bonita, tinha sido requestada. Fôra mulher, fôra noiva, fôra mãe, fôra avó.

Passára por todos os continentes do amor. Subira a todas as alturas, conhecera todas as planicies. Suportara todas as tempestades.

O seu coração — era um mapa. A sua alma um grande jardim morto.

Acabára-se tudo dentro dela, menos a saudade. E a saudade--matou-a.

«Mais vida! Mais vida!!»

E os 103 anos tristemente repetiam:

«Atingiste o limite. Agora — já não ha mais nada...»

Sem Vida dentro da vida ela percebeu que estava interrompida a sua orbita luminosa.

E resolveu continuar a viver, matando-se.

Santa velhinha, simbolo da ansiedade de beleza e da rebeldia contra a noite!

Eu te vejo agora seguir, contente, novamente menina—na vida eterna.

Norberto de Araujo

SOLICITAMOS

A TODOS OS NOSSOS CLIENTES UMA VISITA Á NOSSA EXPOSIÇÃO DE

TAPETES DE SMYRNA

A FIM DE PODEREM «DE VISU» APRECIAR A SUA EXCELENTE MANUFACTURA E QUALIDADE

CASA JOSÉ ALEXANDRE

RUA GARRETT, 8 a 18

Telefone C. 699
Telegramas CASALEX — LISBOA

UMA DESORDEM NA «BRASILEIRA» DO ROSSIO

O revolucionario civil sr. Armando de Azevedo, pedenos a publicação da seguinte carta:

«Numas noticias publicadas nos jornais da manhã, dizem que eu me envolvi em desordem, na *Brasileira* do Rocio. Não é verdade, porque o caso passou-se com outros cidadãos, e, nestas condições, eu, para que não me metam constantemente em *sarilhos*, peço o desmentido dessa noticia, e, ao mesmo tempo, aproveito a oportunidade para dizer o seguinte:

Só uma hora depois deste conflito, compareceu o piquete da policia do Governo Civil, que, entrando, sem quaisquer razões, pelo café, espadeirou toda a gente.

Mais tarde, e, para justificar, talvez, esta *engraçada ordem*, apareceram, no café, dois policias que desejavam se dissesse por força que tinha sido eu quem tinha provocado o conflito. Vê-se claramente a vontade que — talvez — o sr. comandante da policia tem de fazer de mim o desordeiro e o provocador de todos os motins.

Mas, como a verdade não se pode iludir, perdeu o sr. comandante uma bela ocasião para estar calado e não dar ordens. Isto fica dito duma vez, para que eu não seja obrigado a estar constantemente a ser vitima de irroneas interpretações. De v. etc. *Armando de Azevedo.*

P. S. — Parece-me não ter havido um motivo assaz ponderoso para que a *Brasileira* tomasse um aspecto do Ruhr».

PRODUCTOS DE BELEZA

E DE TOILETTE

Especialidade da

PERFUMARIA DA MODA

Telefone C. 1715

5, RUA DO CARMO, 7 — LISBOA

NO SEIO DOS "IMORTAIS"

ALGUMAS NOTAS E IMPRESSÕES DO SARAU DOS POETAS NA ANTIGA ACADEMIA

A NOITE DE SABADO

VISTA POR DOIS DOS NOSSOS REDACTORES

O Serão dos Poetas! A renovação literaria, elegante e frivola duma tradição que anda dispersa e narrada a preceito em paginas de Teofilo, de Mendes dos Remedios, do dr. José Maria Rodrigues e do erudito Edgar Prestadge.

Da magnificencia da sala que Pedro Alexandrino decorou, onde os classicos, bolorentos e esquecidos da volupia dos olhos de mulher que iam noiva-los em horas de saudade, pode o leitor avaliar sabendo que foi uma reunião de intelectuais elegantes e de elegantes intectuais—que é um pouco a doença da moda nesta Lisboa de frivolidades, que, ás 5 horas da tarde fica toda entre a rua Nova do Carmo e o largo soalhento de Camões.

* * *

O primeiro a subir á tribuna, com vagares de idade, foi o dr. Alfredo da Cunha. Julio Dantas comunga, buscando nos olhos femininos as scentelhas de entusiasmo que o seu discurso — preciosismo, lavrado de rendas —logrou acender. Ha um grande silencio que as inteligencias vestidas de casaca, acentuam gravemente. O dr. Alfredo da Cunha não teve teatro. Os seus versos tocados de oiro, despedidos com frieza, desplumam-se com vagar, caiem, sucumbem entre aplausos academicos.

* * *

O sr. Candido de Figueiredo, entre o Elucidario de Sousa Viterbo e as lombadas dos classicos que ele conhece de *tu*--disse a sua fabula *Atalanta*. Não cansou: encantou. Adquiriu simplicidade.

* * *

Eugenio de Castro, da Academia dos Ambientes, foi o que teve mais ambiente. Rumorejaram as sedas. Ninguem reparou na cadeira vazia do sr. Ribeiro de Carvalho. Na mais linda provincia da Grecia, a Arcadia, entre rosas anachreonticas, até á sua vitrine de museu — Eugenio de Castro foi andando com o seu *Pé de marmore*. Bem esculpido o pé, em belo alabastro que Phideas talharia, com Phaeton, sobre as rosas purpuras do ocaso.

* * *

Henrique Lopes de Mendonça não quiz ser velho. Relembrou o amor dos netos, o mesmo amor que não existiria, senão fosse o amor de avó. Cabeça bonita a lembrar o seu colega Anatole. Apesar da rima muda dos segundos versos dos tercetos da *Derradeira Ambição*, Henrique Lopes de Mendonça, que é das penas mais viris de Portugal, ainda sem canto de cisne — fez sensação. E' que a sala que era linda de mulheres que queriam saber como os poetas falam de amores, mesmo quando já os não têm, encontrou um sorriso de bonhomia e de agrado.

* * *

Correia de Oliveira que pertence á Academia dos Ignorados — estava no ignotus. Julio Brandão que soube fazer os mais lindos versos do seu tempo, não quiz sugeitar o estro ao rapido do Porto a Lisboa. O sr. Joaquim Leitão, academico perfeito e perfeito de sala, um pouco arrependido do *munus*, conservou-se em estilo rigido, de pé.

* * *

O gavroche da Academia que levou capa e batina em vez de casaca e condecorações, foi o sr. dr. João de Barros. Diz-se que o levaram pelos cabelos á sessão e com farta correspondencia na algibeira a exemplificar as razões porque não queria ir. O seu poema ardente de patriotismo, rubro e palpitante — acusaram-no de demasiado plebeu. Declamou fortemente, tão fortemente que houve quem pedisse baixinho ás musas, que o monoculo do poeta não quebrasse as linhas mais que ameaçadas do equilibrio.

* * *

O sr. Jaime Cortesão barbi-longo e barbiruivo, retratou-se na *Balada de amor, ao longe*, o que ninguem levou a mal. Os versos bonitos aperfeiçoaram o original, como certos *sketchs* que o esfuminho trabalhou. A «morena» — quem será?

* * *

Aos *Fleugmaticos*, pertence Manuel da Silva Gaio. O seu episodio dramatico, com rubricas, saídas á direita e a esquerda, portas de fundo e mais dizeres deu descanso á assembleia.

Voaram os olhos que ainda não tinham tido serão de curiosidade; houve binoculos e constipações que se cuidaram. Agradaram sem reservas, os versos do sr. Manuel da Silva Gaio.

* * *

Na altura em que Julio Dantas anunciou que ia ler versos, — e posta de parte a ideia de que fosse ler versos seus, que teriam ali cabimento pelo seu preciosismo e pela sua vernaculidade — supoz-se que o presidente da Academia acordasse reminiscencias gloriosas de Junqueiro, ou biblicos encantamentos de Augusto Gil. O presidente da Academia leu Martins Fontes e Cardoso de Oliveira.

Muito belo! Mas muito alem da volupia que nos teriam dado a Musa grandiloquente do modelador dos tercetos de Nun'Alvares, e a inspiração ironica e lapidar do creador da *Maria da Graça*

* * *

Entre a assistencia feminina a nossa atenção poisou, com mais vagar, na grande distinção, a recordar os jogos florais da corte hespanhola, da senhora ministra de Hespanha; na beleza hieratica de *mademoiselle* Cantillo, comentando em hespanhol a fabula graciosa de Candido de Figueiredo, *Atalanta*; no porte distinto feito de elegancia diplomatica da esposa do sr. ministro dos Estrangeiros e, na ternura enlevada de madame Casimiro Dantas a rever-se no filho.

* * *

Muitas mulheres bonitas. Muitas, mesmo. As que não eram bonitas—já o tinham sido. E como os Poetas, em regra, não eram crianças, talvez elas tivessem sido as Musas dos versos escritos agora e sonhados ha muitos anos.

* * *

Julio Dantas referiu-se, em verbo elegante, a recordar os capitulos lapidares da *Patria Portuguesa*, ás reuniões, cheias de deslumbramento, do conde de Pombeiro, onde pontificava Caldas e onde o sarcasmo de Manuel Maria lampejava motetes.

Pode ser que tenha havido fantasia. As reuniões da Bemposta eram simples, enternecidas, quasi pobres.

* * *

Durante a leitura de um dos trechos, passou numa parte da sala, de mão em mão, uma folha de papel com uma palavra oportuna escrita a lapis e que faria rir o proprio Pedro Alexandrino, severo decorador do grande salão dourado. Bocage, que assistiu tambem, passou despercebido em meio da elegancia feminina.

* * *

Augusto Gil assistiu á «Academia». Espirito superior, ele, sem emulações nem reservas, aplaudiu as harmonias quasi anacreonticas dos alaudes, como se premiasse um treno mistico e profundo dos profetas pagãos...

N. L. e A. P.

POLITICA OPERARIA

O Partido Comunista envia á Russia um delegado que falhou toda a sua missão

UMA DEMISSÃO

O Partido Comunista—facção moderna da organização operaria—entendeu por bem enviar ha tempo três delegados á Russia. Além da missão de investigação, recolha de factos, analise de ideias e de processos, deviam os delegados assistir a um grande congresso comunista internacional.

Sabe-se já noticias dum: do sr. Caetano de Sousa, que regressou ha pouco. Ao que parece o sr. Caetano de Sousa, não manifestou no decorrer da sua missão as aptidões necessarias. Numa entrevista concedida ao *Seculo* da noite, viram os seus camaradas que ele da Russia sabia apenas o que já era sabido e conhecido pelos telegramas. Contou ao aludido jornal varias coisas, que dispensavam uma viagem á Russia, por conta do Partido Cumunista.

O *comité* executivo do novo partido, apresentou a sua demissão e deu lugar a outro, onde está o sr. Carlos Rates. Caetano de Sousa que tinha sido exprobado por falar aos jornais, antes de entregar o seu relatorio, teve três reuniões com o *comité*. Na ultima, que se realizou no sabado e que foi bastante agitada, o partido comunista verificou que o sr. Caetano de Sousa, pouco aproveitou para si e para o partido da viagem á Russia. Sobre os problemas vitais que se debatem no Oriente o citado delegado nada acrescentou de novo.

Carlos Rates, que é, entre outros, um elemento de valor no partido fez ressaltar os erros de se ter confiado ao sr. Caetano de Sousa uma missão de tal importancia, dizendo que essa missão devia ter sido confiada a um jornalista.

Atacado por todo o partido, o sr. Caetano de Sousa, viu-se forçado a pedir a sua demissão, que foi aceite por unanimidade.

Faltam chegar os dois outros delegados. Sabe-se que um está retido no Ruhr e que o outro se encontra actualmente na Russia.

A demissão do sr. Caetano de Sousa, como é de prever, fez sensação nos meios operarios. Na reunião de sabado, onde se chegou por vezes ao conflicto pessoal, o sr. Carlos Rates produziu interessantes afirmações para a vida do partido.

A morte do "Carlos Gordo"

Seria o ciume uma das razões do crime?

Procurou-nos o sr. Epifanio de Sá, proprietario dum club na rua dos Poiais de S. Bento, 70, 1.º esq., que nos declarou ser falso que se tivesse recusado a entregar ao *Pedro Fressureiro* os objectos que ele lá tinha empenhado. Disse-nos mais que o Pedro esteve ceando com o *Carlos Gordo* na sua casa, poucas horas antes de o matar. A certa altura, porém, houve conversas sobre mulheres. Sairam, e o Pedro despediu-se do dono da casa, que presume ter sido o crime motivado pelo facto de *Carlos Gordo* que era muito falador ter talvez dito qualquer coisa da mulher de quem o Pedro estava separado, excitando assim o seu ciume e levando-o ao seu criminoso acto. O sr. Epifanio dá como testemunha de que afirma o enteado da vitima que assistiu a tudo.

CAMBIOS

DIA 28

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 11|32	2 9|32
» 90 d. v.	2 3|8	—
Paris	1$995	1$434
Berlim	3|4	1 1|4
Holanda	8 706	8$944
Espanha	3 434	3$528
Bélgica	1$263	1$287
Itália	1$058	1$087
Suiça	4$118	4$231
Suecia	5$888	6$050
Noruega	4$206	4$321
Dinamarca	4$351	4$472
Nova-York	2$092	2$600
Brasil	2$560	2$630
Rio Londres	6	—
Libra esterlina	106$000	110$000
Agio do ouro	2$200	2$300

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

ARTE E ARTISTAS

Uma nota-critica da exposição de pintura a oleo e desenhos de A. C. Alves de Sousa

NAS BELAS ARTES

A exposição de pintura do sr. C. Capper Alves de Sousa é mediocre. Não a sentimos, nem a compreendemos. A arte do expositor é artificial. Falta-lhe a noção da côr, a expressão na figura. Ao segundo quadro que deparámos da sua autoria, fomos, talvez, erradamente, levados a concluir que se trata de um artista brasileiro, á tôa em principios de arte, que arribou por mal da Sociedade de Belas Artes, a Lisboa.

As suas telas amotinam a retina como os pessimos cartazes de animatografo e sabonetes que estadeiam por esses cunhais da cidade.

***Yara adormecida* e o seu gozia o *Despertar de Yara*, conflituosa, barulhenta, afugentam os mais incautos. *Por de sol núm pinheiral*, franjado de vermelho é inaproveitavel.**

Não queremos dizer mais... Dos trinta e cinco trabalhos expostos, aproveitam-se aqui e ali, alguns traços de desenho, correctos, ainda que duros.

A senhora D. Dulce A. de Sousa tem duas cabeças de mulher, traçadas a carvão, que são curiosas. Os seus efeitos de luz de vela, que ela se compraz em repetir, quasi chegam a interessar.

Lamentamos sinceramente que os dois artistas, mais chegados á realidade, á interpretação da paisagem, e ao sentido da figura, não esperassem uns anos mais, para aparecerem...

Universidade de Coimbra

IV ano juridico

O quarto ano juridico, vai muito brevemente em passeio á proxima vila de Penacova onde se realizará um grande almoço de confraternisação.

Conferencia

Os aproveitamentos hidraulicos e o sr. dr. Ferreira da Silva

Na sexta-feira proxima, pelas 9 e meia da noite a benemerita e patriotica Associação dos Comerciantes Retalhistes promove mais uma conferencia publica de caracter nacionacionalista, sendo conferente o sr. dr. Ferreira da Silva que falará sobre as razões por que se devem aproveitar e não têm sido aproveitadas as nossas origens de força-motriz hidraulica.

Operarios das obras do Estado

Os operarios das obras do Estado voltaram hoje á secretaria do comercio, continuando as suas «démarches» no sentido de ser reforçada a verba daquelas obras, assunto que interessa directamente a classe. Foram informados que a respectiva proposta de lei já fôra votada na Camara dos Deputados estando, portanto, apenas dependente do Senado.

Contribuição Industrial

O funcionalismo protesta contra ela

O funcionalismo publico vai iniciar um movimento de protesto contra a nova contribuição industrial que lhe vai ser aplicada, contrariamente á lei que concedeu a melhoria de subvenções.

CONFERENCIA

Teve hoje uma larga conferencia com o sr. ministro da Marinha, a sr.ª duqueza do Porto.

Operarios reformados

Uma comissão de operarios reformados do arsenal procurou hoje o sr. ministro da Marinha, a fim de lhe pedir melhoria de reformas.

A CHEFIA DO ESTADO

QUEM É O CANDIDATO DO DR. TEOFILO BRAGA Á PRESIDENCIA DA REPUBLICA?

O "DIARIO DE LISBOA" OUVE O «AUTOR DA HISTORIA DA LITERATURA»

Começa a agitar-se, e não dizemos que seja prematuramente, o caso da futura eleição presidencial. Um amigo nosso, que nem por ser pouco politico deixa de andar a par destes assuntos, afirmava-nos ha pouco que o futuro Chefe do Estado não será nenhuma das pessoas de que se tem falado, umas por não desejarem sê-lo e outras por não terem qualidades tantas que por elas se possa seduzir a opinião do país, que influe na votação, embora esta tenha que ser simplesmente parlamentar.

Se a afirmação do nosso amigo saisse certa, o futuro Palacio de Belem seria ocupado por uma pessoa de tanta respeitabilidade e modestia, quanto é alheio ás lutas e ás sugestões dos partidos organizados.

Quem é? Não o queremos dizer, certo já ha tantos nomes que se apontam, alguns dos quais — veja o leitor — são pouco dignos de credito para a posição: Bernardino Machado, Teixeira Gomes, Azevedo e Silva, Alves da Veiga, Correia Barreto, Duarte Leite, Sá Cardoso, Norton de Matos, Afonso Costa, João Chagas...

O nosso presado colega *A Patria* dizia hoje que o sr. dr. Teofilo Braga tem um candidato seu. Deve ser verdade, porque *A Patria* é um jornal de boa informação, e não faz «politica» de Presidencia. Mas quem será?

Pois vamos ouvir Teofilo Braga. O Mestre, 80 anos, cabelo branco, não vendo quasi nada, está conversando com uma aluna no seu gabinete no Curso Superior de Letras.

A aluna sai, e o jornalista entra logo no assunto:

—Sr. doutor: *A Patria* diz hoje que v. ex.ª vai publicar um manifesto, lançando a candidatura duma alta individualidade, á presidencia da Republica.

—Sim... é verdade...

—E pode saber-se quem será essa individualidade?

—Por emquanto, não. Guardo o seu nome *in petto*, como o Papa antes de fazer um bispo. Inda não sei se aceitará...

O jornalista rodeia a conversa, a vêr se escapa o nome desejado:

—O dr. Afonso Costa...

—Esse sim. Seria o melhor. Mas ele não quere voltar... Compreende: é uma bandeira de guerra. Em breve cairia ás mãos de qualquer *Dente de Ouro*... E todos se atiariam a ele, com furor... Portanto, está posto de parte o seu nome. Mas só por essa circunstancia. Em todo o caso, deve ser consultado, antes de se fazer qualquer coisa...

—A não ser o dr. Afonso Costa, quem preferiria o doutor?...

—Compreende:— isso seria revelar-lhe o meu segredo...

—O dr. Teixeira Gomes...

—Não conheço a sua obra... Não sei mesmo se a tem...

—Há mais nomes indicados: João Chagas, Barros Queiroz.

E o dr. Teofilo Braga:

—Sá Cardoso... O Sá Cardoso tambem...

Falando dos nossos homens publicos:

—Para isso, é preciso ter muita competencia. E eles, coitados, são muito boas pessoas, muito sinceros, mas não basta...

* * *

A conversa muda de rumo. Há uma referencia leve ao Serão dos Poetas, organizado pelo dr. Julio Dantas que foi da maior gentileza com ele:

—O Lafões quiz dar á Academia um espirito scientifico. Ela teve um periodo brilhante: desde 1779 até á morte do Herculano. Ir agora remontar aos versinhos do seculo XVII...

—O dr. acha-se desinteressado da politica?

—Não senhor. Eu sou um político de raiz, como sou pensador de raiz, um poeta de raiz, um contemplativo de raiz. Como um violino, o meu espirito tem, porém, diferentes escalas.

—Rèfiro-me á politica partidaria...

—Nunca me filiei em nenhum partido. Desde que comecei na propaganda, defendi sempre a republica democratica parlamentar.

E conta:

—Quando escrevi a declaração das Constituintes, em 1910, puz lá: *Republica democratica parlamentar.* O Bernardino Machado, que sabe muito de sciencias naturais, teimava comigo: — «O' Teofilo! Olha que isso é muita coisa... Põe só *Republica*...»

—E o doutor?

—Respondi-lhe:—«Tem de ser assim. Não vês que a Republica, como o vinho, pode ter muitas caracteristicas. Este pode ser espumante, generoso, acido. Tambem a Republica pode ser clerical, imperialista, aristocratica.»

E ficou: *Republica democratica parlamentar.*

* * *

Uma das razões porque o sr. dr. Teofilo Braga não quere indicar-nos o nome do seu preferido, é porque não deseja que digam o mesmo dele que do Alto Comissario em Moçambique:

—Sim. O Brito Camacho nunca foi presidente nem ministro. Mas mechia-os. Eles caíam, por sua culpa, e ele ficava a rir-se...

Das figuras historicas, o modelo preferido pelo dr. Teofilo Braga é a de João Pinto Ribeiro:

—D. João IV costumava dizer: «Deus pozme no trono com duas mãos: uma com que me tapava os olhos e outra com que me puxava». Mas quem o poz no trono foi o João Pinto Ribeiro. Abriu-lhe os olhos. Disse-lhe que se fosse a Valladolid, morreria ingloriamente em qualquer prisão espanhola. Que seria preferivel morrer no campo da batalha. E conseguiu decidi-lo.

A noite começava a cair. O jornalista despediu-se. E o dr. Teofilo Braga ainda nos disse á saída:

—Só quero que digam quando eu morrer: viveu honradamente, queimando a vista durante 65 anos, sem tocar num vintem que lhe não pertencesse. Quantos dos nossos politicos poderão dizer o mesmo?

SAIBAM TODOS...

Que para se comprarem as melhores fazendas tanto para fatos de homem como para vestidos de senhora e por preços tão baixos que causa admiração, é necessario apenas encomendá-las directamente á Grande Fabrica de Lanificios de Manuel Jeronymo de Mattos, Succrs.—Covilhã

REMETEM-SE AMOSTRAS PARA TODOS OS PONTOS DO PAIS

Pelos teatros

A semana do Nacional

A titulo de curiosidade, damos hoje o programa desta semana, no Nacional: dmanhã, em recita unica, solicitada á administração por um grupo de senhoras, representa-se, pela ultima vez, a peça «O leque de Lady Margarida», em que reaparece a actriz Maria Pia, depois de alguns dias de doença; no dia 31, em «matinée», concerto pelo eminente pianista espanhol Tomás Teran, e á noite, assim como nos dias 1 e 2, ultimas representações das peças «O homem que passa» e «Mister Wu»; no sabado, 3, primeira representação, neste teatro, da comedia, de André Brun, «A visinha do lado», e no domingo, 4, primeiro espectaculo de Carnaval e primeiro baile de mascaras.

A festa de Chaby Pinheiro

E' a seguinte a distribuição da peça, em 3 actos, «Negocios são negocios...», de Octave Mirbeau, tradução de João Luso, que sobe á scena, no Avenida, no dia 2, em recita do ilustre actor Chaby Pinheiro:

«Izidoro Lechat», Chaby Pinheiro; «Luciano Garrand», Carlos Abreu; «Marquês de Porcellet», Santos Melo; «Xavier», Valerio de Rajanto; «Gruggh», Jorge Gentil; «Phinck», Henrique Pereira; «Mordomo», José Monteiro; «Jardineiro», José Móra; «Capitão», Jorge de Sousa; «Germana», Cremilda de Oliveira; «Senhora Lechat», Jesuina de Chaby; «Julia», Elvira Velez; «Esposa do doutor», Olimpia Pereira, e «Esposa do juiz», Mariana de Figueiredo.

A homenagem de ontem

Sem que á festa de ontem — homenagem de amigos e admiradores a dois artistas de teatro, Rafael Marques e Clemente Pinto — se tivesse dado qualquer cunho triste de feição teatral, ela deixou no espirito de quantos a presenciaram uma bela sensação de camaradagem, de lealdade e até beleza artistica. A' volta dos dois simpaticos rapazes que são já hoje dois primorosos artistas e que amanhã serão, naturalmente, duas glorias do nosso teatro, reuniu-se um punhado de creaturas que emam o teatro, que prezam a Arte e só anceiam vê-la brilhar e resurgir. O Diario de Lisboa que nas suas colunas lhes não tem regateado aplausos e que nesta festa se fez representar por dois dos seus redactores, saúda os dois talentosos artistas.

Atrás do reposteiro

A companhia do teatro Nacional deve fazer o mês de Junho, no Sá da Bandeira, do Porto, tendo sido fechado o contrato entre o administrador daquele teatro e o empresario deste ultimo, o sr. José Loureiro.

—A galante actriz Maria Teresa está desempenhando no Apolo os papeis que pertenciam á actriz Candida Rosa na revista «Lua Nova».

—Na festa do actor Eduardo de Freitas, que se realiza no Foz com a comedia o «Barão de Sarilhos», reaparece o popular actor comico Silvestre Alegrim.

—A'manhã, em S. Carlos, canta-se a opera «Walkiria», de Ricardo Wagner, pelo tenor Kirchoff, Carlota Dahmen, Elena Hirn, baritono Weil e o baixo Kaidanoff. Na primeira «Walkiria» entra a cantora portuguesa Alice Pancada.

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectaculo.
Nacional — Ás 21 — «Mister Wu» e o «Homem que passa».
S. Luis — Ás 21 — «Milagre da aldeia».
Politeama — Ás 21,30 — «Porque sim» e «Rosas de todo o ano».
Avenida — Ás 21,15 — «Paris».
Apolo — Ás 21 — «Lua nova».
Eden-Teatro — Ás 20,15 e 22,30 — «Tiro ao Alvo».
Salão Foz — Ás 21 — «O noivado do sepulcro».
Coliseu dos Recreios — Ás 21 — Companhia de circo.
Gil Vicente — Aos domingos e segundas-feiras, «O Diogo Alves».

Animatografos e variedades

Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Rua dos Condes).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos — Ás 20,30 — Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

POLITEAMA HOJE

PORQUE SIM

com PALMIRA BASTOS

Para os nossos pobres

De um anonimo recebemos a quantia de cinco escudos para serem distribuidos pelos nossos pobres no dia 31 de janeiro, data do 2.º aniversario do falecimento da senhora D. Rita Gomes Leite.

Um novo farol

O consul de Portugal em Marrocos comunicou que é hoje inaugurado o farol no molhe de Tanger.

Devido ao seu grandioso CAUDAL DE 55.000 litros em 24 h., A SALUS oferece ao mercado absoluta garantia de ser VERDADEIRA água de Vidago. Comparem-na com outras aguas.

A SALUS é, de todas as aguas alcalinas, a Fonte mais abundante e mais rica.

Peçam, pois, AGUA DA FONTE SALUS e tambem SABONETE SALUS, delicioso para a pele.

«A AGUA SALUS é muito mais alcalina do que as aguas das Pedras Salgadas (o dobro aproximadamente)».

(Professor Charles Lepierre)

DEPOSITO-Farmacia e DrogariaPeninsular

39, RUA AUGUSTA Telefone 2592-C.

CORRÊA LEITE, SANTOS & C.ª

BANQUEIROS

53, RUA AUGUSTA, 59 — 101, RUA DA CONCEIÇÃO, 107

Telefones: Central 237-558
Telegramas: Portubraz-Lisboa

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

CORRESPONDENTES NO PAÍS E ESTRANGEIRO

Depósitos á ordem e a praso em moeda nacional e estrangeira. — Compra e venda de cambiais, notas e moedas estrangeiras. — Descontos e transferências. — Papeis de crédito e «coupons». — Ordens de bolsa. — Guarda de titulos, etc., etc.

Esta casa iniciou em 30 de Dezembro as suas transacções

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO —SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
Artigos de escritorio Material para desenhadores
PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos. Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Ramos Manuel, 65.

Divorcios

Com zelo economia e rapidez, trata: Primeira Rua Particular, aos Prazeres, 19, 2.°, dt.°.

Janotas????

Sejam economicos

MADEIRA, ALFAIATE, participa aos seus amigos e fregueses que mudou o seu estabelecimento de alfaiataria da Rua do Sol ao Rato, 215, para o Largo da Trindade, n.os 11, 12 e 13

Lei do inquilinato

Deposito de rendas, acções de despejo, notificações e todos os assuntos referentes á propriedade, trata com economia, Primeira Rua Particular, aos Prazeres, 19, 2.°, dt.°.

OURIVESARIA CASTELHANO

21, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 21
(ANTIGA RUA DE SANTO ANTÃO)

:: Compra e vende aos melhores preços joias antigas e modernas, ouro, platina e pratas artisticas. : :: ::

Grande exposição de joias antigas

V. EX.ª TEM FRIO?

COMPRE FAZENDA PARA UM LINDO SOBRETUDO
AOS FABRICANTES

ROSA & IRMÃO

COVILHÃ

Papeis de casamento

Civil ou religioso, trata com zelo, economia e rapidez

Primeira Rua Particular, aos Prazeres, 19, 2.° dt.°

AO COMERCIO

V. Ex.ª deseja mandar fazer qualquer trabalho de carpintaria?

Peça orçamentos á Carpintaria Electro-Mecanica de

JOSÉ MENDES GARCIA

que se encarregam de todos os trabalhos de Construção Civil, desde o mais modesto ao mais luxuoso. Portões, portas, caixilhos, escadas em todos os generos, etc.

46, Rua do Seculo, 48
LISBOA

Cobrança de dividas

Por mais antigas e rebeldes que sejam, consegue-se receber. Trata: Primeira Rua Particular, aos Prazeres, 19, 2.°, dt.°.

PELES

Modelos de abrigos, echarpes em todas as classes de peles a preços de fabrica — Transformação de peles, cortição e tinturaria — Pessoal teonico estrangeiro.

Instalação provisoria

CAIS DO SODRÉ, 52, 1.°

AOS PROPRIETARIOS

Cobrança de rendas e todos os serviços referentes á propriedade, mediante pequena comissão. Tratar:

Primeira Rua Particular, aos Prazeres, 19, 2.° dt.°

RAPOZAS

Mongolias e outras variadades de peles nacionais e estrangeiras a preços reduzidos.

Curte, tinge, limpa e confecciona toda a classe de peles. Execução rapida e perfeita de qualquer modelo. Tinturaria de vestidos e fatos, côres inalteraveis.

Direcção de habeis tecnicos em todas as secções

Rua das Pretas, 49, 2.°
(á Avenida)

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

LAUSANNE

Os turcos

fazem exigencias

O caso dos mortos complica-se

a os delegados da Turquia insistem nos seus pedidos

LAUSANNE, 29

Os turcos têm persistido nos seus pedidos de redução dos cemiterios onde estão os tumulos dos soldados ingleses em Gallipoli e na exumação dos corpos para esse fim. Exigem tambem que lhes seja entregue a fiscalisação dos caminhos que conduzem para esses cemiterios. Lord Curzon respondeu indignadamente a essas exigencias, dizendo que esses soldados tinham vindo da Australia e da Nova Zeelandia para combater na mais nobre das causas e que necessario era que os deixassem repousar dignamente e em paz. O terreno onde se encontram os cemiterios não tem valor para os turcos, mas para os australianos e para os neo-zelandeses é de incomparavel valor, devido ao profundo sentimento de piedade que a eles está ligado. Nenhuma nação pode compreender fórma diversa de honrar os mortos. Lord Curzon terminou, lamentando a dureza do ponto de vista de Ismet Pachá, declarando perentoriamente que nenhum cadaver de soldado seria removido de Gallipoli e que as tropas inglesas dali não sahiam, emquanto este assunto não ficasse decente e honrosamente resolvido.—(R.)

A indignação em Inglaterra

LONDRES, 29

A atitude dos turcos ácerca dos cemiterios de Galipoli tem indignado a opinião publica inglesa. Telegramas recebidos da Australia mostram que é tambem grande a indignação nesse pais. O presidente da liga dos antigos combatentes disse que nenhum dos soldados que se bateram em Galipoli permitiria que se tocasse nos tumulos dos bravos soldados que se bateram em Galipoli e que se tomariam todas as medidas para evitar semelhantes sacrilegios.—(R.)

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

A Inglaterra

alhela-se do continente europeu?

A politica de Bonar Law e o problema do Ruhr

A' volta da acção da França no Ruhr têm-se aventado hipoteses variadissimas — todas elas mais ou menos inconsistentes, — cada um procurando tirar da correlecção entre certos factos do passado e do presente uma conclusão de originalidade.

Assim, nem sequer falta já quem pretenda ver na atitude de Bonar Law o primeiro passo para uma nova politica externa da Grã-Bretanha, arranjando maneira se aduzir provas em favor desta afirmativa sensacional: a Inglaterra vai alheiar-se do continente europeu e colaborar mais estreitamente com os Estados Unidos.

* * *

E ordenam assim o raciocinio:

Em 7 de outubro do ultimo ano, em plena cooperação de Franklin-Bonillon com os Kemalistas, o «Times» publicou uma carta de Bonar Law — então simples deputado conservador — na qual este anunciava a possibilidade de a Gran-Bretanha se destacar do continente e restringir a sua atividade á defesa dos interesses especiais do imperio britanico. Duas semanas após, Bonar Law era reeleito chefe do partido conservador e ascendia ás cadeiras do poder.

Depois, veiu a conferencia de Paris; e a atitude que o estadista adoptou nessa emergencia — dizem os comentadores — separando-se da França e deixando-lhe, ao mesmo tempo, inteira libardade de acção no Ruhr, é a primeira prova pratica da sua politica anteriormente dada a conhecer.

* * *

Como se dá visus de verosimilhança á hipotese? Os que a defendem, explicam-se desta forma:

As constatações economicas do ano de 1922 demonstraram que a prosperidade da Inglaterra já não depende da Europa, por isso que, a vida industrial britanica marca um importante aumento de pedidos procedentes da India, da China, da Africa e da America do Sul. O trafico nos canais de Suez e do Panamá — ou seja o barometro que regista a riqueza dos paises extra-europeus, — indica um aumento consideravel. Diminuiu o numero de navios ingleses inactivos, e os estaleiros de Cardiff foram encarregados de construir nada menos de 20 barcos. Além disso, — acrescentam — observa-se dia a dia com mais nitidez, o desaparecimento do *dumping* alemão e a vitalidade economica da Gran-Gretanha, apesar da perda dos mercados da Europa central e oriental.

E concluem: «A Inglaterra, que preferiu a crise industrial ao descredito da sua moeda, encontra agora a recompensa do sacrificio realizado.

Será verdade?

O RUHR

As gréves

dos ferro-viarios

vão-se alastrando

A Belgica e a manutenção da ordem em Aix-la-Chapelle

LONDRES, 29

Sir Percival Phillips telegrafou dizendo que a greve na região do Essen foi localizada. A greve em Colonia resultou um fracasso. No emtanto, a greve dos ferroviarios tomou um certo incremento, havendo pouquissimos comboios na região do Ruhr. Os franceses são abastecidos por comboios militares.

A unica porta aberta para a região isolada é a cidade de Dortmund, onde os comboios com carvão podem passar. Em Dusseldorf parte dos telefones e telegrafos suspenderam o serviço. Em Aix-la-Chapelle as tropas belgas tomaram medidas rigorosas para manter a ordem.—(R.)

A acção da França e a opinião da imprensa inglesa

LONDRES, 29

O «Sunnday Times» diz que, embora acontecimentos futuros possam tornar a posição das forças inglesas ainda mais dificil, não ha, comtudo, até agora, qualquer intenção de ordenar a sua retirada das regiões alemãs ocupadas. O mesmo jornal acrescenta que não se tratou ainda tambem de qualquer modificação da atitude inglesa actual, embora á situação seja seguida e estudada com a maxima atenção. Os jornais em geral, reflectem a ansiedade publica perante os acontecimentos que se desenrolam, dizendo que a acção exercida pelos franceses no Ruhr foi além dos limites previstos na recente conferencia de Paris.—(R.)

Um convite do Alto Comissario de Colonia

LONDRES, 29

O «Times» publica um telegrama de Colonia dizendo que o alto comissario britanico notificou ás autoridades alemãs de Colonia que a Inglaterra não toleraria que a zona britanica se torne o refugio dos alemães expulsos pelas autoridades francesas. Convidou os ferroviarios da região de Colonia a garantir a marcha normal dos transportes de carvão do Ruhr destinado á França e transitando através da zona inglesa. Pedia á imprensa local para cessar a campanha anti-francesa.—(R.)

A Alemanha protege os seus industriais

PARIS, 29

«Le Journal» publica um telegrama de Berlim dizendo que o governo do Imperio concedeu aos industriais do Ruhr 500 biliões de marcos destinados a fazer face ás despesas da sua obstrução ás autoridades franco-belgas.—(R.)

Estreias sensacionais

Rico & Alex, os celebres «clowns» e o notavel atleta português Serrano no Coliseu dos Recreios

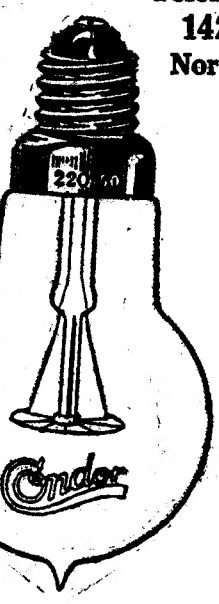
Vai ser hoje satisfeita a ansiedade do publico com a estreia, em espectaculo da moda, no Coliseu dos Recreios, dos celebres e aplaudidos «clowns» Rico & Alex, os primeiros artistas do seu genero, e do notavel atleta português Serrano, um prodigio de força muscular, sobre quem passa um automovel carregado de passageiros. São dois numeros a enriquecer o magnifico programa da grande companhia de circo que, com tanto agrado, tem estado a exibir-se no Coliseu dos Recreios, a casa de espectaculos mais popular e mais comoda de Lisboa onde o publico se sente bem e onde passa uma noite divertidissima já pela variedade dos trabalhos, já pela graça e arte com que são desempenhados.

O Coliseu continua, pois, a ser o ponto de reunião do publico de bom gôsto.

EDEN-Teatro
COMPANHIA DE REVISTA
2 espectaculos, 2 — 8 1/4 e 10 1/4
Exito enorme do quadro novo
FITAS FALADAS
da revista
TIRO AO ALVO
Gracioso «film»
O pesadelo de Antonio Maria
Promenoir . . . 1$00

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

FAZENDAS DE LÃ PARA TODOS
POBRES
REMEDIADOS
RICOS
Todos devem preferir as casemiras dos DONAS da Covilhã porque são as melhores, as mais bonitas e os mais baratas. Só os fabricantes DONAS vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas de lã para fatos e vestidos, em todas as côres e em todos os padrões, por preços baratissimos ao alcance de todas as bolsas.
Depositos de vendas a retalho:
Em LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º
No PORTO — Rua Fernandes Tomaz, 392-A

Lampada Condor
DESCONTO AOS REVENDEDORES
Telefone 142 Norte


MATERIAL ELECTRICO
INSTALAÇÕES E REPARAÇÕES
Electro-Industrial e Comercial, L.da
R. Pretas, 49-3.º (esq. Avenida)

AEG NITRA

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A TARDE PARLAMENTAR

UMA SESSÃO QUE DECORREU SEM QUALQUER IMPORTANCIA

A MARINHA MERCANTE

As sessões, quando foi daquele desarranjo da luz electrica que levou uma tarde inteira a discutir, combinou-se que começassem ás 13 horas. Depois, como nunca mais se conseguia numero tão cedo, protelou-se para as 14 o inicio da chamada. Durante uns dias, não foi a coisa mal de todo. Mas os parlamentares deram em chegar cada vez mais tarde, cada vez mais tarde, e hoje... 45 minutos depois é que o sr. Sá Cardoso, poude anunciar, lá de cima, da presidencia, que estavam presentes 57 senhores deputados, despejados na sala como se o porta fizesse de contagotas.

Ha quem pretenda chamar a isto desmazelo, ou desleixo, ou desinteresse pelos negocios do Estado; mas um parlamentar com quem falámos — e que tambem viera atrazado — explicou-nos assim:

—E' que nós somos, acima de tudo, portuguêses; e, se comparecêssemos a horas, podia supôr-se que eramos estrangeiros.

O peior é que o relogio já marca 15 horas, e ainda os trabalhos não levam geitos de começar.

* * *

15,30. Constata-se que os senhores deputados vieram para aqui cavaquear, como podiam ter ido para um «club» ou para um café. Ha hora e meia que não se faz senão conversar, por não haver possibilidade de se fazer outra coisa. Não se arranja numero, por mais que a mesa empate.

Nem sequer veiu o sr. Sá Pereira, que está na provincia com licença, a tratar de quaisquer questões de familia.

Antes da ordem do dia ninguem quer fazer uso da palavra.

Na ordem, o sr. Almeida Ribeiro, a pôr e a tirar os oculos, esteve que tempos a fazer considerações ácerca dum projecto que autoriza os oficiais de marinha mercante não encartados a desempenhar as funções de pilotos, quando provem tê-las já exercido com boas informações durante a guerra.

Falou de derrotas, de muitas derrotas, e concluiu por afirmar que o projecto não é justo.

O sr. Sá Cardoso, que se fez substituir pelo sr. Constancio de Oliveira, saiu da sala, dizem que para tratar ainda do incidente Agatão Lança-minoria monarquica; e, tendo regressado agora, anda no hemiciclo em conferencias com este e aquele e aquel'outro, emquato o padre Liberal — redactor — está de boca aberta em frente do sr. Almeida Ribeiro, a ouvi-lo com religiosa atenção.

O resto da sessão foi preenchido pelo sr. Sá Cardoso que, levou cerca de noventa minutos a repetir, como um estribilho:

—Está em discussão. Ninguem pede a palavra, vai votar-se. Os senhores deputados que aprovam tenham a bondade de se levantar. Está aprovado.

Ninguem se levantou, e muito poucos ouviram, mesmo, a informação da presidencia; mas o sr. Sá Cardoso, talvez por não olhar para o que se passa na sala, considera tudo aprovado; e lá continua naquela faina duma monotonia que faz sono.

O Rei Carnaval e a Academia

Pedem-nos a publicação do seguinte comunicado:

Está ainda bem vivo na memoria deste nobre povo de Lisboa, o celeberrimo cortejo organizado no ano transacto pelos alunos da Faculdade de Direito em homenagem a S. M. El-Rei Carnaval, por ocasião da sua real visita a esta nobre cidade do Ocidente. Foi tal o encantamento que produziu na alma de S. Magestade a grandiosa recepção da Academia, que El-Rei comunicou aos alunos da Faculdade de Direito, que tendo-se apaixonado por uma formosissima e negrissima princesa africana — Futa D Jalon — resolveu dar á cidade de Lisboa a honra de nela realizar a cerimonia do seu consorcio.

Está já constituida uma comissão de estudantes de Direito, que trabalha activamente na preparação dos festejos a realizar no dia deste real casamento que será o dia 3 de Fevereiro — sabado magro.

A comissão avistou-se já com o sr. governador civil, que concedeu a necessaria licença para se realizar um grande e luzido cortejo que irá aguardar a chegada da Princesa Africana á estação do Terreiro do Paço.

A cerimonia do casamento far-se-há em pleno Rossio num pavilhão gentilmente cedido pela Camara Municipal de Lisboa, realizando-se, á noite, a coroação solene de S. M. a Rainha no Coliseu dos Recreios, por gentil deferencia do seu empresario sr. Ricardo Covões.

Em breve será publicado o itenerario do cortejo e sua organização.

De tudo mais se dará noticia. — *A Comissão.*

A MOÇÃO AGATÃO LANÇA

COMO É ENCARADA PELOS REPUBLICANOS A AUSENCIA DOS MONARQUICOS

Fala o deputado Carlos de Vasconcelos

Com respeito á minoria parlamentar monarquica, tudo continua na mesma. Mais reunião menos reunião, mais conferencia menos conferencia, mais intransigencia menos intransigencia — o que é certo é que os srs. Carvalho da Silva e Cancela de Abreu — só nos referimos a estes por serem os mais pontuais — continuam arredios de S. Bento.

O jornalista, que está escrevendo na tribuna destinada á imprensa, já conversou com dois deputados da maioria sobre a atitude dos ausentes.

—Estão fazendo politica do caso — confessa o deputado Julio de Abreu — e politica exagerada. Ou resolvem não vir, e acaba-se com isto duma vez para sempre, ou resolvem vir, e, nesse caso, aceitam as explicações, que já foram demais.

— Foi o diabo — darmos assim o flanco aos monarquicos — confessa o deputado Manuel Fragoso. O jornalista ouve e regista. Mas isto são apenas ligeiros comentarios.

Chega-nos agora em carne e osso, na pessoa do deputado Carlos de Vasconcelos, bloco humano do bloco parlamentar, uma entrevista. Aqui vo-la apresentamos, sem retoque, sem artificio, como certas mulheres sem carmim — isto sem ofensa para a masculinidade do nosso entrevistado.

— Os monarquicos? — preguntamos.

— Os monarquicos? — repete o deputado — têm rasão e não têm.

— !

—E' assim mesmo. A moção foi extemporanea, é certo, dando margem a sua redacção a que fosse considerada injuriosa. Mas os monarquicos não têm generalisado os seus ataques, abrangendo-nos, assim, a todos nós?

—Na sua opinião, os monarquicos voltam ao Parlamento?

—Quero crêr que não. Eles estão levantando propositadas dificuldades...

—Propositadas?

—Sim, propositadas. Reconhecem que a sua acção aqui é inutil — esteril. São inteligentes, sem duvida, trabalhadores, mas falta-lhes prestigio, aquele prestigio que, nos tempos ultimos da monarquia, alcançou a minoria republicana.

— Mas, no caso contrario, isto é, desejando eles voltar, não haverá uma hipotese favoravel?

— Sem duvida que ha. A aceitação de sete ou oito declarações de voto, permitir-lhe-ia a entrada aqui, sem quebra de dignidade. Mas não voltam, não voltam.

— O abandono deles beneficiará algum dos lados da Camara?

— Certamente. Mas isso não é comnosco. Toca á «maioria» esse beneficio, nas proximas eleições.

E tal e qual como tinha vindo em carne e osso, a entrevista se foi, na pessoa do deputado Carlos de Vasconcelos, bloco humano — repita-se — do bloco parlamentar.

Os monarquicos não voltarão á Camara?

O incidente suscitado com os parlamentares monarquicos ainda hoje não ficou solucionado.

Até á hora de fecharmos o nosso jornal, o sr. Sá Cardoso, que devia comunicar hoje á Camara o resultado das suas «démarches», não o fez ainda, porque a minoria monarquica, que devia entregar-lhe uma resposta definitiva até ás 3 horas da tarde, ainda não a entregou, segundo nos informaram.

No entanto, acentua-se a impressão de que os deputados monarquicos não voltarão á Camara, dando aos senadores liberdade de acção para procederem como melhor entendam. E' claro que não ha rasão para os senadores resignarem os seus mandatos, visto que o chamado agravo á minoria monarquica foi da exclusiva responsabilidade da Camara dos Deputados.

Tambem se dizia hoje nos Passos Perdidos que entre os parlamentares monarquicos se dividiram as opiniões, havendo quem defenda o regresso ao Parlamento depois das amaveis explicações do sr. Sá Cardoso.

A professora D. Adelina Rosenstock

foi atropelada por um automovel

Quando se apeava dum eletrico na Avenida Duque do Loulé, a conhecida professora e harpista da orquestra do Teatro S. Luiz D. Adelina Rosenstock foi colhida por um automovel que lhe fracturou o craneo, arremessando-a a grande distancia. Recolheu em estado gravissimo ao Hospital de Santa Marta sofrendo a operação do trepano pelo cirurgião de serviço sr. dr. Vasco Palmeirim.

Apesar do seu estado ser gravissimo nesta ultimas horas tem sentido alguns alivios.

Canhoneira "Lurio"

Vai ser nomeado comandante da canhoneira *Lurio*, o capitão-tenente sr. Sequeira Braga.

Reforma da armada

Voltou hoje a reunir a grande comissão encarregada de elaborar um projecto de reforma de todos os serviços da armada.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Funcionalismo publico

A comissão central nomeada pelo governo para tratar das reclamações do funcionalismo publico é de dar o seu parecer ácerca dessas reclamações que estava para reunir hoje no ministerio das Colonias não chegou a reunir, sendo marcada reunião para ámanhã.

Um julgamento em Elvas

ELVAS, 29 — Foi julgado nesta cidade, pelo crime de homicidio frustrado, o proprietario José Joaquim Cordeiro. O reu foi defendido pelo sr. dr. Alfredo Nordeste. O jury deu o crime como não provado, condenando o reu em 17 meses por ofensas corporais.

DR. ARBUÉS MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

O CASO DA COVA DA MOURA

EM DOIS ANOS DERAM ENTRADA NO SACO AZUL 51 CONTOS

OS DISCURSOS DA DEFEZA

No Tribunal Militar Territorial. A 7.ª audiencia reabriu ás 12,30 horas, para prosseguir no julgamento dos oficiais implicados no caso do «saco azul».

O sr. dr. Alfredo Nordeste continua as suas alegações, a favor dos seus constituintes srs. major Filipe de Sousa e capitão Magalhães.

Afirma que o major sr. Filipe de Sousa, verdadeiramente desorientado pelas continuas perseguições de que vinha sendo vitima escreveu uma carta violenta ao 2.º comandante da quinta divisão.

Como se organisou um «saco azul» tão gordo que os proprios ministros sabiam da sua existencia? Dá-se uma greve de fornecedores; o comandante, nos termos da lei, nomeia uma comissão de compras, para ir directamente ao mercado adquirir generos. Foi assim que se conseguiu, em 24 meses arranjar 51 contos e não 12, como se afirmou aqui no tribunal. E foi com a existencia do «saco azul» que se fizeram as grandes transformações no quartel da Cova da Moura.

* * *

O capitão sr. Simões, defensor do tenente sr. Sousa Marques, apresenta as saudações da praxe ao tribunal.

—Se o «saco azul» é um crime, andam muitos criminosos á solta e eu sou um deles.

Analisando o depoimento do capitão Lusitano, classifica-o de falso e mentiroso.

* * *

Levanta-se o major Tamagnini Barbosa, defensor do tenente Monteiro.

—O enredo em volta deste processo é grande. Eu vim a este tribunal para que a verdade se restabelecesse, para mais de perto conhecer o caso da Cova da Moura.

Sou adversario politico do sr. major Filipe de Sousa, mas não tão rancoroso como o politico em evidencia tenente Larcher. Quando é que se viu um oficial, como o tenente Larcher, desempenhando funções que são das atribuições da policia de segurança? E' por isto que esta sociedade cai dia a dia e se afunda.

Em seguida, o dr. Alvaro Santos, defendeu o seu constituinte.

A's 5 e meia, o juri recolheu para dar a sentença.

O TRIGO

Os moageiros querem que seja entregue nas condições antigas

Os delegados moageiros da provincia voltaram hoje a instar com o sr. ministro da Agricultura, pela entrega, nas antigas condições, do carregamento de trigo exotico, ha dias chegado ao Tejo com destino áqueles inustriais.

A FABRICA VULCANO EM CHAMAS

A' hora de fecharmos esta pagina, 19 horas, está ardendo, com grande incremento, a Fabrica Vulcano, situada no Conde Barão.

Companhia de Seguros «O Futuro»

A direcção desta Companhia previne os srs. Accionistas e o publico em geral, de que o despejo, que sabado passado começou a executar-se violenta e ilegalmente, foi suspenso por ordem do sr. Juiz da 4.ª Vara Civel a requerimento do seu advogado dr. Francisco de Sommer, e que a séde da Companhia continua a ser na Travessa da Espera, n.º 8, 2.º, desta cidade.

Pela Direcção, o Administrador Delegado, (a) *Antonio Batos.*

Questões de inquilinato
Divorcios e todos os assuntos de advocacia, com seriedade, rapidez e economia, encarregando-se de valorisação e administração de predios, pagando, recebendo e depositando rendas, etc. Rua Garrett, 80, 2.º, Chiado.